



DIÁRIO DA QUEDA

Michel Laub  
diário  
da queda

LISBOA:  
TINTA-DA-CHINA  
MMXIII

*Para o meu pai*

© 2013, Michel Laub  
e Edições tinta-da-china, Lda.  
Rua João de Freitas Branco, 35A,  
1500-627 Lisboa  
Tels: 21 726 90 28/9 | Fax: 21 726 90 30  
E-mail: info@tintadachina.pt  
www.tintadachina.pt

Título: *Diário da Queda*  
Autor: Michel Laub  
Revisão: Tinta-da-china  
Composição e capa: Tinta-da-china

Publicado pela primeira vez no Brasil,  
Companhia das Letras, São Paulo, 2011.

1.ª edição: Fevereiro de 2013

ISBN 978-989-671-149-8  
Depósito Legal n.º 355432/13

# índice

Algumas coisas que sei sobre o meu avô	11
Algumas coisas que sei sobre o meu pai	31
Algumas coisas que sei sobre mim	51
Notas (1)	71
Mais algumas coisas que sei sobre o meu avô	79
Mais algumas coisas que sei sobre o meu pai	95
Mais algumas coisas que sei sobre mim	117
Notas (2)	135
Notas (3)	141
A queda	145
O diário	167

Algumas coisas que sei  
sobre o meu avô

I.

Meu avô não gostava de falar do passado. O que não é de estranhar, ao menos em relação ao que interessa: o fato de ele ser judeu, de ter chegado ao Brasil num daqueles navios apinhados, o gado para quem a história parece ter acabado aos vinte anos, ou trinta, ou quarenta, não importa, e resta apenas um tipo de lembrança que vem e volta e pode ser uma prisão ainda pior que aquela onde você esteve.

2.

Nos cadernos do meu avô não há qualquer menção a essa viagem. Não sei onde ele embarcou, se ele arrumou algum documento antes de sair, se tinha dinheiro ou alguma indicação sobre o que encontraria no Brasil. Não sei quantos dias durou a travessia, se ventou ou não, se houve uma tempestade de madrugada e se para ele fazia diferença que o navio fosse a pique e ele terminasse de maneira tão irônica, num turbilhão escuro de gelo e sem chance de figurar em nenhuma lembrança além de uma estatística — um dado que resumiria sua

biografia, engolindo qualquer referência ao lugar onde foi criado e à escola onde estudou e a todos esses detalhes acontecidos no intervalo entre o nascimento e a idade em que teve um número tatuado no braço.

3.

Eu também não gostaria de falar desse tema. Se há uma coisa que o mundo não precisa é ouvir minhas considerações a respeito. O cinema já se encarregou disso. Os livros já se encarregaram disso. As testemunhas já narraram isso detalhe por detalhe, e há sessenta anos de reportagens e ensaios e análises, gerações de historiadores e filósofos e artistas que dedicaram suas vidas a acrescentar notas de pé de página a esse material, um esforço para renovar mais uma vez a opinião que o mundo tem sobre o assunto, a reação de qualquer pessoa à menção da palavra *Auschwitz*, então nem por um segundo me ocorreria repetir essas ideias se elas não fossem, em algum ponto, essenciais para que eu possa também falar do meu avô, e por consequência do meu pai, e por consequência de mim.

4.

Nos meses antes de completar treze anos eu estudei para fazer Bar Mitzvah. Duas vezes por semana eu ia à casa de um rabino. Éramos seis ou sete alunos, e cada um levava para casa uma fita com trechos da Torá gravados e cantados por ele. Na aula seguinte precisávamos saber tudo de cor, e até hoje sou capaz de entoar aquele mantra de

quinze ou vinte minutos sem saber o significado de uma única palavra.

5.

O rabino vivia do salário da sinagoga e da contribuição das famílias. A mulher tinha morrido e ele não tinha filhos. Durante as aulas ele tomava chá com adoçante. Pouco depois do início pegava um dos alunos, em geral o que não havia estudado, e sentava ao lado dele, e falava com o rosto quase encostado no dele, e o fazia cantar de novo e de novo cada verso e sílaba, até que o aluno errasse pela segunda ou terceira vez e o rabino desse um soco na mesa e gritasse e ameaçasse que não faria o Bar Mitzvah de ninguém.

6.

O rabino tinha unhas grandes e cheiro de vinagre. Era o único que fazia essa preparação na cidade, e era comum que na hora de ir embora esperássemos na cozinha enquanto ele tinha uma conversa com nossos pais, na qual dizia que éramos desinteressados, e indisciplinados, e ignorantes e agressivos, e no final do discurso ele pedia um pouco mais de dinheiro. Nessa hora era comum também que um dos alunos, sabendo que o rabino era diabético, que já tinha parado no hospital por conta disso, que tinha havido complicações e uma das pernas chegou a correr o risco de ser amputada, esse aluno se oferecia para pegar mais chá e em vez de adoçante botava açúcar na xícara.



7.

Praticamente todos os meus colegas fizeram Bar Mitzvah. A cerimônia era aos sábados de manhã. O aniversariante usava *talid* e era chamado para rezar junto com os adultos. Depois havia um almoço ou janta, em geral num hotel de luxo, e uma das coisas que meus colegas gostavam era de passar graxa nas maçanetas dos quartos. Outra era fazer xixi nas caixas de toalhas dos banheiros. Outra ainda, embora isso só tenha acontecido uma vez, na hora do parabéns, e naquele ano era comum jogar o aniversariante para o alto treze vezes, um grupo o segurando nas quedas, como numa rede de bombeiros — nesse dia a rede abriu na décima terceira queda e o aniversariante caiu de costas no chão.

8.

A festa em que isso aconteceu não foi num hotel de luxo, e sim num salão de festas, um prédio que não tinha elevador nem porteiro porque o aniversariante era bolsista e filho de um cobrador de ônibus que já tinha sido visto vendendo algodão-doce no parque. O aniversariante não ficava em recuperação em nenhuma disciplina, nunca tinha ido a nenhuma festa, não havia participado de um quebra-quebra na biblioteca, nem estava entre os alunos que puseram um pedaço de carne crua na bolsa de uma professora, muito menos achou engraçado quando alguém deixou uma bomba atrás da privada, um saco de pólvora no qual era preso um cigarro que queimava até a explosão. Ao cair ele machucou

uma vértebra, teve de ficar de cama dois meses, usar colete ortopédico por mais alguns meses e fazer fisioterapia durante todo esse tempo, tudo depois de ter sido levado para o hospital e a festa ter se encerrado numa atmosfera geral de perplexidade, ao menos entre os adultos presentes, e um dos que deveriam ter segurado esse colega era eu.

9.

Uma escola judaica, pelo menos uma escola como a nossa, em que alguns alunos chegam de motorista, outros passam anos sendo ridicularizados, um deles com a merenda cuspidada todos os dias, outro trancado numa casa de máquinas a cada recreio, e o colega que se machucou no aniversário já havia sofrido com isso, nos anos anteriores ele foi repetidamente enterrado na areia — uma escola judaica é mais ou menos como qualquer outra. A diferença é que você passa a infância ouvindo falar de antissemitismo: há professores que se dedicam exclusivamente a isso, uma explicação para as atrocidades cometidas pelos nazistas, que remetiam às atrocidades cometidas pelos poloneses, que eram ecos das atrocidades cometidas pelos russos, e nessa conta você poderia botar os árabes e os muçulmanos e os cristãos e quem mais precisasse, uma espiral de ódio fundada na inveja da inteligência, da força de vontade, da cultura e da riqueza que os judeus criaram apesar de todos esses obstáculos.

10.

Aos treze anos eu morava numa casa com piscina, e nas férias de julho fui para a Disneylândia, e andei de montanha-russa espacial, e vi os piratas do Caribe, e assisti à parada e aos fogos, e na sequência visitei o Epcot Center, e vi os golfinhos do Sea World, e os crocodilos no Cypress Gardens, e as corredeiras no Busch Gardens, e os espelhos de vampiro na Mystery Fun House.

11.

Aos treze anos eu tinha: um videogame, um videocassete, uma estante cheia de livros e discos, uma guitarra, um par de patins, um uniforme da NASA, uma placa de *proibido estacionar* achada na rua, uma raquete de tênis que nunca usei, uma barraca, um skate, uma boia, um cubo mágico, um soco-inglês, um pequeno canivete.

12.

Aos treze anos eu nunca tinha tido uma namorada. Eu nunca tinha ficado doente de verdade. Eu nunca tinha visto alguém morrer ou sofrer um acidente grave. Na noite em que o aniversariante caiu de costas eu sonhei com o pai dele, com os tios e avós que estavam na festa, com o padrinho que talvez tenha ajudado a pagar as despesas, e na festa não havia mais que um bolo de chocolate e pipoca e coxinhas e pratos de papel.

13.

Eu sonhei muitas vezes com o momento da queda, um silêncio que durou um segundo, talvez dois, um salão com sessenta pessoas e ninguém deu um pio, e era como se todos esperassem um grito do meu colega, um grunhido que fosse, mas ele ficou no chão de olhos fechados até que alguém dissesse para que todos saíssem de perto porque talvez ele houvesse se machucado, uma cena que passou a me acompanhar até que ele voltasse à escola, e passasse a se arrastar pelos corredores, de colete ortopédico por baixo do uniforme no frio, no calor, no sol, na chuva.

14.

Se na época perguntassem o que me afetava mais, ver o colega daquele jeito ou o fato de meu avô ter passado por Auschwitz, e por afetar quero dizer sentir intensamente, como algo palpável e presente, uma lembrança que não precisa ser evocada para aparecer, eu não hesitaria em dar a resposta.

15.

Meu avô morreu quando meu pai tinha catorze anos. A imagem que tenho dele é a de meia dúzia de fotografias, ele sempre com a mesma roupa, o mesmo terno escuro e o cabelo, a barba, e não tenho ideia de como era a voz dele, e os dentes eu não sei se eram brancos porque ele nunca apareceu sorrindo.

16.

A casa do meu avô eu não conheci, mas alguns dos móveis de lá, a poltrona, a mesa redonda, o armário de madeira e vidro, foram para o apartamento onde minha avó passou a viver depois. Era um apartamento mais condizente com uma viúva que saía pouco, no máximo uma vez por semana para tomar chá na casa de uma amiga, hábito que ela manteve até que essa amiga se mudou para um asilo, e passou mais cinco ou dez anos no asilo, e nesse período quebrou uma perna e depois a bacia e teve pelo menos três pneumonias e um infarto e um derrame antes de morrer.

17.

Uma vez fui com a minha avó a esse asilo. O lugar era quase fora da cidade. Os quartos tinham cheiro de eucalipto, e o prédio era cercado por uma área verde onde havia bancos e canteiros de flores, e dali víamos enfermeiras e parentes dos internos, um ou outro funcionário de uniforme, às vezes um senhor com uma cadeira de rodas motorizada e um tanque de oxigênio. Minha avó e a amiga falaram da novela, da violência nos jornais, das pessoas na rua que são cada vez mais grosseiras, dos dias de frio que são cada vez mais longos, e em nenhum momento da conversa, nem de qualquer conversa que tive com a minha avó até ela morrer mais ou menos como a amiga do asilo, com a diferença de que no caso dela não houve um infarto no caminho, o derrame que ela sofreu foi fulminante, o que poupou a todos de vê-la numa

cama durante a eternidade em que a pessoa não fala e não se mexe — em nenhum momento de sua vida a minha avó fez menção ao meu avô.

18.

Quer dizer, às vezes ela dizia o óbvio, que meu avô falava pouco, que dormia com um pijama de manga comprida até no verão, que no início do casamento costumava fazer quinze minutos de ginástica ao acordar, e uma vez caiu da escada que usava para subir no sótão, e eu poderia continuar essa lista até chegar a vinte itens, ou trinta se isso não for suficiente, mas em nenhum momento daqueles anos ela contou o essencial sobre ele.

19.

Nos últimos anos de vida o meu avô passava o dia inteiro no escritório. Só depois da morte é que foi descoberto o que ele fazia ali, cadernos e mais cadernos preenchidos com letra miúda, e quando li o material é que finalmente entendi o que ele havia passado. Foi então que essa experiência passou a ser não apenas histórica, não apenas coletiva, não apenas referente a uma moral abstrata, no sentido de que Auschwitz virou uma espécie de marco em que você acredita com toda a força de sua educação, de suas leituras, de todos os debates que você já ouviu sobre o tema, das posições que defendeu com solenidade, das condenações que já fez com veemência sem por um segundo sentir nada daquilo como se fosse seu.

Michel Laub nasceu em Porto Alegre, Brasil, em 1973. Escritor e jornalista, foi editor-chefe da revista *Bravo* e é actualmente colunista do jornal *Folha de S. Paulo*. Escreveu cinco romances — *Música Anterior* (2001), *Longe da Água* (2004), *O Segundo Tempo* (2006), *O Gato Diz Adeus* (2009) e *Diário da Queda* (2011). Este último será também publicado na Alemanha, em Espanha, nos Estados Unidos, em França, na Holanda, em Inglaterra, Itália e Israel, além de adaptado para cinema. Michel Laub foi incluído na edição *Os Melhores Jovens Escritores Brasileiros* da revista *Granta* e os seus anteriores romances foram distinguidos com vários prémios e nomeações. *Diário da Queda* recebeu os prémios Brasília de Literatura e Bravo de Literatura, e foi finalista dos prémios Portugal Telecom, Zaffari & Bourbon e São Paulo de Literatura.

diário da queda  
foi composto em caracteres  
Hoefler Text e impresso pela  
Guide, Artes Gráficas, sobre pa-  
pel Coral Book de 90 gramas,  
em Fevereiro de 2013.

NESTA COLECÇÃO

*O Retorno*  
Dulce Maria Cardoso

*Dois Rios*  
Tatiana Salem Levy

*Quando o Diabo Reza*  
Mário de Carvalho

*De Mim já nem Se Lembra*  
Luiz Ruffato

*Dezoito Palavras Difíceis*  
Luís Rainha

*O Verão de 2012*  
Paulo Varela Gomes

*E a Noite Roda*  
Alexandra Lucas Coelho

*Diário da Queda*  
Michel Laub

